



FUNDAÇÃO RAIMUNDO FAGNER E O ESPETÁCULO *GLORIA* DE VIVALDI

EZEQUIEL DA SILVA MOREIRA
ezeque_moreira@hotmail.com

Grupo de Trabalho: Pesquisa em andamento e relatos de experiência em música.

RESUMO: Este artigo faz uma abordagem sobre a atuação da Fundação Raimundo Fagner como entidade pertencente ao Terceiro Setor com ações voltadas para as áreas de cultura e arte através de seu projeto pedagógico Aprendendo com Arte. A missão desta fundação é o de promover a inclusão social de crianças e adolescentes nos municípios de Fortaleza e Orós no estado do Ceará. O objetivo deste projeto pedagógico é de desenvolver os educandos participantes desta instituição ao estudar períodos importantes da história da arte ocidental a partir da Renascença a Contemporaneidade, em especial a música destas épocas, e ao final destes estudos, apresentarem os seus resultados em forma de espetáculos ou recitais. Neste artigo abordam-se aspectos e contextos que levaram o surgimento do Terceiro Setor no cenário mundial e nacional, além de um resgate histórico de origem da instituição e de seu projeto, e por fim um relato pessoal sobre o espetáculo *Gloria* do Vivaldi RV 589, apresentada no fim de 2017 e em meados de 2018 pelo educandos de Orós-Ce. E como finalização deste trabalho, as considerações finais elaboradas por este autor.

Palavras-chave: Educação musical. História da Arte. Terceiro Setor.

INTRODUÇÃO

A Fundação Raimundo Fagner é uma organização da sociedade civil de interesse público, denominada OSCIP, e que foi criada inicialmente em Orós-Ce, cidade escolhido como terra natal do seu fundador, o cantor cearense Raimundo Fagner, no ano de 2000.

Após o reconhecimento de sua arte pelo grande público, Fagner resolveu também engajar-se em causas sociais, inicialmente por meio de ações filantrópicas e em seguida pela a criação da Fundação Social Raimundo Fagner por meio da parceria com o Banco do Brasil através de seu programa AABB Comunidade, a prefeitura de Orós e o cantor Fagner, transformando a Fundação numa empresa sem fins lucrativos e de responsabilidade social e escolhendo as áreas da cultura e recreação para o desenvolvimento de suas atividades. Atualmente a Fundação Raimundo Fagner possui duas sedes localizadas nos municípios de Orós e Fortaleza ambas no estado do Ceará.

O presente texto propõe apresentar os contextos históricos de surgimento do Terceiro Setor; as diretrizes desta Fundação e sua principal ação



artística o projeto Aprendendo com Arte e um relato de experiência sobre o espetáculo barroco *Gloria* de Vivaldi – RV 589 que oriundo deste projeto, e que foi executado pelos educandos da sede de Orós no mês de novembro de 2017 e em maio de 2018.

Para a realização deste trabalho, foi também necessária uma pesquisa em fontes eletrônicas e documentos internos da instituição, além das referências bibliográficas. No capítulo 5 deste artigo encontra-se as considerações finais sobre o tema proposto.

TERCEIRO SETOR E A PRÁTICA ARTÍSTICA EDUCACIONAL

A formalização das instituições filantrópicas surge a partir da década de 50, nos Estados Unidos, esboçando um início do Terceiro Setor como conhecemos hoje, através de um reconhecimento de associações e instituições que promoviam a caridade pelo o estado, e que foram nomeadas de nonprofit sector (Setor Sem Fins Lucrativos) [HALL 1994 apud CALEGARE, 2009, p. 132].

A formalização deste novo setor na cadeia econômica surge com o interesse estratégico dos outros dois setores em atender com maior eficiência as demandas sociais, ao construir parcerias com organizações do Terceiro Setor afim de “dividir” estas responsabilidades. Uma nova política de incentivo ao surgimento de novas organizações foi implantada ao redor do mundo por instituições públicas e privadas a exemplo do Banco Mundial ou BIRD (Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento) com políticas de financiamento voltado para o desenvolvimento social através de incentivos nas áreas de infraestrutura econômica e na educação.

Em parceria com outras agências de âmbito mundial, como a ONU (Organizações das Nações Unidas), criaram uma política de “controle” sobre as economias das nações, intermediando crises variadas, como humanitárias e fiscais. Como ocorreu no fim dos anos 60 na gestão do presidente do BIRD Robert McNamara, ao defender a necessidade de se investir no desenvolvimento social em seu discurso para governadores do Banco:

Quando os privilegiados são poucos, e os desesperadamente pobres são muitos e quando a diferença entre ambos aos grupos se aprofunda em vez de diminuir, só é questão de tempo até que seja preciso escolher entre os custos políticos de uma reforma e os riscos políticos de uma rebelião. Por este motivo, a aplicação de políticas especificamente encaminhadas para reduzir a miséria dos 40% mais pobres da população dos países em desenvolvimento, é aconselhável não somente como ques-

tão de princípio, mas também de prudência. A justiça social não é simplesmente uma obrigação moral, é também um imperativo político (MCNAMARA, 1972, p. 1070 apud FONSECA, 1998, p. 3).

Estas novas atuações do BIRD se expandiram para as mais diversas nações, sobretudo as que eram da antiga União Soviética e as nações chamadas de Terceiro Mundo, como era o caso do Brasil em meados dos anos 90. Nessa nova estratégia, surgem termos que ainda estão presentes em nossos dias como “progresso”, “equidade”, “desenvolvimento sustentável”, “pobreza” entre outros.

No Brasil, o surgimento do terceiro setor se deu também por essa influência externa em meados da década de 90, pressionando o governo a incentivar a criação de novas Organizações Não Governamental (ONG) e a criar leis que protegesse este setor como a implementação da Lei 9.790/99 (Ferrarizi 2002) – conhecida como lei do Terceiro Setor - que qualifica as entidades sem fins lucrativos perante o Poder Público como Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), podendo assim firmar parcerias entre o Estado e a sociedade civil sobre novas bases mais condizentes com as atuais exigências da publicização e eficiência das ações sociais.

Segundo Falconer (1999 apud CALEGARE; SILVA JUNIOR, 2009, p.133), o governo brasileiro promoveu ainda na gestão do presidente Fernando Henrique Cardoso, o Plano Diretor de Reforma do Estado, do Ministério da Administração e Reforma do Estado (MARE), chefiado por Luis Carlos Bresser Pereira, e tinha como pilar central a ideia de que a crise brasileira era “uma crise de Estado”, da estratégia estatizante e do modelo de “administração pública burocrática”. Assim sendo necessária, uma descentralização do estado e que foi feito pelo mesmo ao terceirizar suas ações sociais entre outras, para empresas do setor privado.

Estas ações impulsionaram um crescimento de entidades do Terceiro Setor em todo país, que segundo dados do IBGE, através da publicação As Fundações Privadas e Sem Fins Lucrativos no Brasil de 2012, e de acordo com estes dados, em 2010 encontramos em torno de 290 mil organizações com Cadastro Nacionais de Pessoas Jurídicas (CNPJ) ativas, e que seguem os critérios de classificação FASFIL (Fundações e Associações Privadas Sem Fins Lucrativos no Brasil) do IBGE, similar a classificação internacional da COPNI (Classification of the Purposes of Non-Profit Institutions Serving Households).atuando nas áreas de habitação; saúde; cultura e recreação; educação e pesquisa; assistência social; religião; associações patronais e profissionais; meio ambiente e proteção animal; desenvolvimento e defesa

de direitos; e outras instituições privadas sem fins lucrativos. Este estudo traz ainda dois dados importantes para nós educadores musicais quanto a atuação das entidades deste setor, em especial os da categoria cultura e recreação.

O primeiro é a compreensão de que dentro desta categoria, há uma divisão em dois subgrupos intitulados de esporte e recreação; e cultura e arte. Para compreender a classificação deste último subgrupo, foram adotados critérios neste estudo que descreve como atividade de cultura e arte como:

As associações culturais, as associações de artesãos, as escolas de samba, os grupos carnavalescos, as academias de letras, os teatros, as bandas, os corais, os grupos folclóricos, os museus, as bibliotecas, os rádios, as filarmônicas e os centros de tradições gaúchas. [...] edição, impressão e reprodução de gravações; [...] atividades cinematográficas e de vídeo; [...] atividades de rádio e de televisão; e outras atividades artísticas e de espetáculo (IBGE, 2012).

O outro dado se refere ao número de instituições registradas nesta categoria foram registradas 1229 instituições no grupo cultura e recreação, sendo 655 no subgrupo de cultura e arte no ano de 2010.

O mais recente estudo sobre as organizações do Terceiro Setor foi promovido pelo IPEA em 2018 e traz uma análise sobre o ano de 2016 através da publicação Perfil das Organizações da Sociedade Civil no Brasil contabilizando um número de 820 mil instituições do Terceiro Setor registradas no Brasil em 2016. Dentre estas, 79.917 pertence à categoria de Cultura e Recreação, das quais 24.671 instituições foram identificadas no subgrupo cultura e arte como atividade principal.

Ao compararmos os dados de referentes a 2010 e 2016, houve um aumento exponencial de instituições que escolheram atuar nas atividades de cultura e recreação, e em especial no subgrupo de cultura e arte. O que desperta o interesse futuro de realizar estudos sobre o assunto.

FUNDAÇÃO RAIMUNDO FAGNER E O PROJETO APRENDENDO COM ARTE

Curiosamente a origem da fundação Raimundo Fagner tem semelhanças com os dados apresentados pelo IBGE (2012) e IPEA (2018), criada pelo notório cantor cearense Raimundo Fagner em 2000 na cidade de Orós-Ce. Atuava inicialmente com a proposta de inclusão social por meio do esporte através da parceria com a fundação Banco do Brasil e o seu pro-



jeto esportivo AABB comunidade, oferecendo atividades para 120 crianças e adolescentes da faixa etária de 7 a 18 anos. Além do esporte, a fundação ofertava também oficinas de musicalização em flauta doce, violão e canto coral; além de aulas de leitura e escrita, reforço escolar e artes plásticas⁶⁴.

No decorrer dos seus três primeiros anos, a procura foi grande por parte dos familiares que desejavam incluir seus filhos nesta instituição. Porém, os recursos provenientes das leis de incentivos fiscais não atendiam a demanda. Foi necessário conquistar mais investidores. Para efetivar essa conquista, foi decidido estrategicamente criar uma segunda sede na capital cearense a partir da doação do próprio cantor de um sítio localizado no bairro Parque Itamaraty, região conhecida como grande Messejana.

Com o surgimento no ano de 2003 da unidade de Fortaleza conseguiu-se a ampliação de novos parceiros patrocinadores desta causa social. Aproveitando os incentivos fiscais presentes na lei desde a gestão do presidente Fernando Henrique Cardoso à atualidade, obteve-se a adesão de grupos privados como a empresa Três Corações Alimentos S/A, entre outras, conforme Carvalho (2018) ao citar em sua pesquisa que todo o financiamento da instituição provém destas duas fontes.

Ainda a procura de novos investimentos, a Fundação Raimundo Fagner criou um programa pedagógico para seus alunos intitulado de Projeto Aprendendo com Arte⁶⁵. Com este projeto passou a concorrer em editais lançados pelos ministérios da Cultura e da Educação. Conquistou por diversas vezes esses editais o que permitiu planejar e manter as atividades planejadas pela organização.

Além de ampliar o foco de atendimento de seus alunos que inicialmente foi voltado mais à prática esportiva, o projeto Aprendendo com Arte imprimiu também os saberes artísticos como a literatura, pintura, teatro, história da arte e, sobretudo, a música para as salas de aulas. Com uma proposta de impulsionar novos saberes e de sensibilizar a importância da arte para a vida social através da prática diária, O projeto Aprendendo com Arte complementou o ensino com a escola, lugar que pouco consegue trazer a prática artística em seus espaços.

No seu programa de ensino, o Projeto Aprendendo com Arte faz um recorte espacial e temporal de períodos importantes da história da arte, a partir do Renascimento até a Contemporaneidade, através das múltiplas

⁶⁴ Fonte: GABRIELA, Marília. *De frente com Gabi*. Fagner. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oRwjWvaR4CM>

⁶⁵ <http://ffagner.com.br>



linguagens artísticas já citadas. A cada ano letivo é escolhido um determinado período da história da arte para ser explorado em salas de aulas e ao final do ano letivo é apresentado os resultados destes estudos em forma de espetáculo ou recital correspondentes ao período selecionado.

O projeto propõe que os alunos ingressos na instituição sejam de idades entre 7 a 9 anos, e que antes da execução de algum espetáculo, façam uma formação em musicalização (canto coral, violão e flauta doce) nos seus três primeiros anos letivos. Dessa forma, eles desenvolvem conhecimentos requeridos para executar o repertório desta natureza histórica. Após este período de musicalização, o aluno poderá escolher um dentre os três instrumentos oferecidos pela instituição e assim aprofundar seus estudos.

A média de idade dos alunos participantes que executam este repertório histórico é de 14 anos. Para as crianças que ainda cursam as oficinas de musicalização não ficarem excluídas das apresentações dos espetáculos, a elas lhes é oferecida uma proposta de ensino que também visa em apresentar espetáculos, contudo, estas apresentações não têm os mesmos objetivos de abranger um repertório ligado a um período da história da arte como realizado com o público adolescente. O espetáculo infantil é construído em torno de uma temática livre que possui características lúdicas compatíveis com as idades deste público-alvo. Portanto, o projeto Aprendendo com Arte faz esta divisão de propostas, respeitando o desenvolvimento mental e físico das faixas etárias de seus alunos bem como seus saberes.

Ao longo de 15 anos de projeto artístico, já foram realizados 7 espetáculos contemplando os períodos da Renascença, Barroco, Classicismo, Romantismo, produzidos pelos alunos do juvenil e 4 espetáculos feitos pelos alunos do infantil.

Como o objetivo do projeto pedagógico é gerar espetáculos e recitais como resultado dos estudos dos alunos promovidos em sala de aula faz-se necessário, para alcançar esta meta, um planejamento das ações em conjunto com todo o corpo de professores da instituição. Sendo assim, em meados de um ano letivo vigente, toda a equipe pedagógica se reúne com a diretoria e planeja quais os períodos e espetáculos serão produzidos nos anos seguintes. A diretoria por sua vez, busca financiamento por meio de editais lançados pelos ministérios e as secretarias da cultura e educação, nos âmbitos nacionais, estaduais e municipais.

Uma das justificativas descritas nos editais sobre a ideia de se construir espetáculos com os alunos é a de servir como uma prestação de contas à sociedade, à comunidade atendida pela fundação, além de divulgar a ins-



tituição, dando maior visibilidade ao público em geral sobre as atividades atendidas na Fundação Raimundo Fagner. Outra justificativa sobre a construção de espetáculos baseado em períodos da história da arte mundial é que este repertório não vai de encontro a lei dos Direitos Autorais, tendo em vista que, a exploração das músicas dessas épocas constitui-se de domínio público ou estão cedidas para uso livre de maneira geral.

Por fim, existe uma função fundamental exercida pelos coordenadores musicais das classes do infantil e do juvenil durante o processo de construção do espetáculo. Cabem a eles a pesquisa e seleção do repertório didático correspondente ao período artístico selecionado, afim de que os alunos participantes possam bem executá-lo. É de responsabilidade deles também, a direção do espetáculo a ser construído, gerenciando todas as fases de apresentação do espetáculo, desde a elaboração do material de divulgação, a seleção dos alunos participantes, a promoção da formação intelectual de toda a equipe sobre o período artístico que será encenado até a marcação do espetáculo como mapas de palco, luzes e som.

A APRESENTAÇÃO DA CANTATA *GLORIA* DE VIVALDI – RV 589

O processo de construção desta cantata *Gloria* de Vivaldi se iniciou pela escolha da fundação de estudar período barroco no ano letivo de 2017 conforme o projeto Aprendendo com Arte. Em princípio seria explorado nas duas sedes da fundação, porém a unidade de Fortaleza estava passando por uma mudança de ciclo de saída e entrada de novos educandos, o que fez com que a diretoria concentrasse esta produção exclusivamente para sede de Orós, onde não ocorria mudança de ciclo entre os seus alunos.

Com essa diretriz definida, a próxima etapa seria de adaptar a obra que originalmente era para quatro vozes mistas e orquestra, formação que nada se parece com a da fundação Raimundo Fagner, que é composta por coro feminino, com exceção de cinco rapazes que fizeram a voz tenor; um conjunto de flautas doce; e um grupo de violões. Assim as primeiras etapas eram de transcrever e adaptar para esta nova formação orquestral, e saber se os músicos participantes teriam condições técnicas de executar a obra.

Pesquisei primeiramente na internet partituras desta obra, com formações variadas, porém nenhuma para flautas doce e violões, Me interessei por uma transcrita por S. Skie Donald⁶⁶ para piano e coro, esta me serviu como base para fazer as adaptações para a orquestra da fundação.

66 Fonte: [https://imslp.org/wiki/Gloria_in_D_major,_RV_589_\(Vivaldi,_Antonio\)](https://imslp.org/wiki/Gloria_in_D_major,_RV_589_(Vivaldi,_Antonio))

Ao adaptar a primeira música da cantata, o *Gloria in excelsis*, enviei para o maestro e os educadores de Orós e combinei que em quinze dias iria fazer uma visita técnica para avaliarmos o resultado e planejar um calendário de ações ao longo do ano. Para minha feliz surpresa a peça foi bem aceita por aqueles adolescentes, e assim seguiu a proposta de mandar as peças musicais adaptadas a medida que iam sendo concluídas, com prazo final até o fim de setembro daquele ano.

A orquestra de Orós era formada por 63 integrantes incluindo os educadores, sendo 31 do coral; 11 dos violões; e 21 flautas doce, todos adolescentes com idades entre 12 a 18 anos, exceto os educadores e dois jovens que eram ex-alunos e que voluntariamente participaram da cantata. Todos os participantes atendiam aos requisitos técnicos para executar esta obra, por terem passado pelas etapas de musicalização oferecidas pelo programa Aprendendo com Arte. Mas a execução desta cantata de Vivaldi problematizou algumas questões, sobretudo para o naípe de violões e coro. Embora os violonistas soubessem ler partitura, eles não tinham a prática de ler com certo grau de dificuldade onde as melodias e harmonias eram para ser tocadas ao mesmo tempo, e havia um receio de que não tivesse tempo suficiente para aprender até a apresentação, como uma solução didática em conjunto com o maestro de Orós e o educador do instrumento, trouxe para as partituras do violão a inclusão de cifras em trechos que eram harmônicos.

Figura 1 – Segundo movimento *Et in terra pax* de A. Vivaldi



Fonte: Ezequiel Moreira (arranjo)

Esta metodologia facilitou o aprendizado deste naípe, embora possa ser questionada quanto ao uso de cifras populares em partituras eruditas, confesso não ter encontrado ainda na literatura violonística este tipo de escrita, mas me remeti a uma prática comum nos instrumentos, a exemplo das cordas friccionadas que recorrem à escrita de sentido das arcadas ou a do piano que utilizam números para representar um dedilhado específico. Em suma, esta abordagem de trazer a notação em cifras solucionou o problema em questão, podendo ser contextualizado pelo professor de violão

sobre o início do uso de cifras que coincidentemente ocorreu no período barroco, mesma época da cantata de Vivaldi.

Para a problemática do coral era a de adaptar a formação original do coral misto para um coro predominante feminino, mais cinco rapazes que estavam em muda vocal. Durante a primeira visita, percebi que os rapazes do coral cantavam a mesma melodia do contralto com um intervalo de uma oitava abaixão. Propus uma mudança junto com a educadora de coral, para estes coralistas fizessem o naipe dos tenores. A ideia foi aceita com a condição de que a adaptação das vozes fosse compatível com a desses rapazes. Criei o naipe do tenor onde transpus as melodias pertencente a voz coral do baixo no original, para o naipe de rapazes na adaptação. Assim sucessivamente, transcrevi do original (baixo, tenor contralto e soprano) para tenor, contralto, mezzo-soprano e soprano nesta adaptação. O resultado final ficou equilibrado por ter numero muito próximos de cada naipe (5 tenores; 10 contraltos; 8 mezzo-sopranos e 8 sopranos), mesmo com o contralto contar com o dobro dos participantes se comparado ao tenor, a região em que cantavam eram mais graves, chegando até o $\text{sol}^{\#} 2$ assim não cobria a voz dos tenores.

Outra questão entre os coralistas era a seleção de quem iria fazer os solos da cantata, e entre os integrantes do coral, havia uma aluna que participou do Festival Eleazar de Carvalho no ano anterior, tendo feito a oficina de canto. Esta formação foi primordial para a participação das solistas, primeiramente por ela própria se voluntariar a fazer um dos solos, e segundo por ajudar as demais integrantes a fazerem os outros solos, repassando a elas toda experiência adquirida no festival, isto cativou as demais solistas a enfrentarem o desafio. Ao todo, a cantata *Gloria* de Vivaldi conta com cinco solos, um dueto de sopranos na peça *Laudamus Te*; um solo de soprano no *Domine Deus*; e dois solos de contraltos nas peças *Domine Deus*, *Agnus Dei* e *Qui Sedes Ad Dexteram*. Ao todo utilizamos quatro solistas sendo que mesma que fez o solo do *Domine Deus*, fez também o dueto *Laudamus Te*, esta foi a solução mais didática que encontramos, para esta questão.

Já o processo de adaptação das flautas doce foi o mais fácil ante aos demais instrumentos, pois este naipe contava com uma família desse instrumento, tendo as flautas sopranos, contraltos, tenores e baixos. Com isso o processo de transcrição em princípio seria o de transferir as melodias do baixo do piano ou do violoncelo para a flauta baixo, o da viola para flauta tenor; o do segundo violino para flauta contralto e o do primeiro violino para a soprano. Outro fato importante na escrita para estes instrumentos é



o seu dedilhado, que geralmente não é escrito em tonalidades que tenham mais do que três bemóis ou três sustenidos, e que na adaptação desta obra, não há nenhuma peça que possua mais do que três acidentes, o que veio a facilitar o processo.

Com toda a obra adaptada, partir do segundo semestre de 2017 assumi o papel de diretor musical e maestro convidado para reger esta cantata. Para desempenhar estes papéis, passei a ir quinzenalmente a Orós para comandar junto com o maestro de lá e sua equipe, os ensaios e a produção do recital que seria apresentado na igreja matriz do município, no teatro das Ribeiras dos Icós, no município de Icó-CE, e na programação de natal promovida pela prefeitura de Iguatu, cidade vizinha a Orós. Ao todo foram dez apresentações realizadas, com resultados maravilhosos e com depoimentos emocionantes de pais, familiares e do público em geral que prestigiou o recital. Para a diretoria da fundação Raimundo Fagner, a avaliação foi positiva, tanto que culminou numa apresentação extra no ano seguinte de 2018 a convite das Secretarias de Cultura e Meio Ambiente do Estado do Ceará, a se apresentar no projeto destas secretarias intitulado de Orquestra no Parque, onde cada domingo uma orquestra faria uma apresentação no parque do Cocó na cidade de Fortaleza, e nesta ocasião, a cantata Glória de Vivaldi foi também apresentada na capital cearense, assim encerrando o ciclo de apresentações desta cantata.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta cantata como fruto do projeto pedagógico Aprendendo com Arte da Fundação Raimundo Fagner vem mais uma vez fundamentar a crença de que é possível a inclusão social de crianças e adolescentes por meio da arte em especial a música.

Com o aumento de entidades sociais em todo Brasil que atuam com a cultura, me faz acreditar nesta proposta de que o Terceiro Setor é um dos caminhos para diminuir desigualdades sociais, principalmente se atuar em parceria com as escolas e as famílias dos alunos participantes.

A escolha desta obra resultou num desenvolvimento técnico dos alunos participantes, que era comum eu ouvir relatos de que continuariam a estudar música mesmo depois de sair da fundação, além da emoção dos familiares ao prestigiar seus filhos no palco executando música erudita.

Para mim como pesquisador participante, foi uma experiência enriquecedora em todos os aspectos, pude conhecer e participar de todo o



processo de criação como arranjador, produtor e educador musical, pretendendo por meio de outros estudos aprofundar minha pesquisa neste campo dando sequencia a conclusão da monografia que tem como objeto um estudo de caso sobre a atuação da fundação Raimundo Fagner.

REFERÊNCIAS

- CALEGARE, Marcelo Gustavo Aguilar & SILVA JUNIOR, Nelson. A “construção” do terceiro setor no Brasil: da questão social à organizacional. *Psicologia Política*, 2009, 9(17), 129-148.
- CARVALHO, Vanessa Lima de. *O ensino-aprendizagem da flauta doce em projetos sociais: um estudo de caso sobre a fundação Raimundo Fagner*. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, graduação em música. Fortaleza 2018.
- FERRAREZI, Elisabete. (2002). *OSCIP – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público: a lei 9.790/99 como alternativa para o terceiro setor*. Brasília: Comunidade Solidária. 2ª edição 116p.
- BRASIL. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. Lei 9.790/99 publicado em 23 de março de 1999. Acessado em 10 de setembro de 2018 em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9790.htm.
- IBGE. As fundações privadas e associações sem fins lucrativos no Brasil 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.
- IPEA. Perfil das organizações da sociedade civil no Brasil. Brasília: IPEA, 2018.
- KLEBER, Magali. *A prática de educação musical em ongs: dois estudos de casos no contexto urbano brasileiro*. 355fl. Tese de doutorado em Música – Programa de pós-graduação em música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, junho de 2006.